

Como o vestibular aparece no cotidiano de uma terceira série do ensino médio noturno de uma escola pública: um olhar a partir das aulas de física

How the entrance exams appear on the daily school life of the third grade at night in a public school

Heitor Augusto Maldonado Soares

Universidade Federal de São Paulo – campus Diadema
haugustoms@gmail.com

José Alves da Silva

Universidade Federal de São Paulo – campus Diadema
jose.alves@unifesp.br

Resumo

Pesquisamos como as questões do vestibular aparecem na vida de estudantes da terceira série do ensino médio do período noturno de uma escola pública de uma cidade da periferia da Grande São Paulo. Para tanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre o ensino noturno, tomando como referência metodológica as ideias que discutem o cotidiano escolar como marco teórico. Nossos instrumentos de pesquisa foram anotações baseadas em observações feitas durante as aulas de física de uma turma da terceira série do ensino médio e a aplicação de questionários com alguns estudantes e com o professor de física. Constatamos uma ausência de assuntos relativos ao período noturno na área de ensino de ciências, uma tensão quando os estudantes eram defrontados com o assunto vestibular, uma ausência de ações e políticas direcionadas para atender às especificidades dos estudantes desse período, bem como a presença de resquícios da dualidade histórica do ensino médio naquela realidade.

Palavras chave: vestibular, escolha da carreira, ensino público, ensino noturno.

Abstract

This research intends to clarify how references to the moment of live entrance exams appear by adolescents in the third grade of a public night school in a city in the state of São Paulo, characterized by social exclusion. Therefore, we carried out a research focused on the school routine based on observations of the physics classes of a certain class in the series under study and the application of questionnaires with some students and the physics teacher. The results point to a lack of researches in the science education field, a tension in the students when they talk about entrance exams, an absence of actions for night students and a presence of traces of the historical duality of secondary education.

Key words: entrance exams, career choice, public education, night school.

A que estamos nos referindo

Esse trabalho tem a intenção de somar-se a todos os outros que defendem uma educação transformadora, voltada à promoção do ser humano, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, com direitos e deveres para todos e todas. Por conta disso, nos aproximamos de autores como Beisiegel (2006), Freire (1996), Kuenzer (2017) e Menezes (2002) que pensaram em um ensino médio nessa perspectiva, dando atenção especial aos jovens trabalhadores do noturno, um dos mais excluídos de todos os processos educacionais.

Nas décadas de 1940, 1950 e 1960, era possível observar, nas escolas públicas regulares do até então ensino secundário, o objetivo de preparar uma elite cultural e econômica para frequentar as universidades (BEISIEGEL, 2006). Entretanto, após alguns esforços para que esse ensino secundário fosse ampliado para as demais camadas da sociedade, juntamente com o crescente número de concluintes do ensino fundamental, houve especificamente no estado de São Paulo, a “extensão das oportunidades educacionais: o ensino médio [secundário à época] passou a não ser um privilégio exclusivo das camadas dominantes na sociedade” (BEISIEGEL, 2006, p.21). Contudo, seguidos estudos (MENEZES, 2001; KUENZER, 2017; CORTI, 2015; SILVA, 2008) apontam para uma dificuldade em se ter clareza da identidade do ensino secundário brasileiro (chamado doravante, neste trabalho, de ‘ensino médio’, obedecendo ao termo cunhado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996): ora teve políticas que privilegiavam o preparo para o ensino superior (visão propedêutica), ora teve políticas que visavam preparar os alunos para mercado de trabalho (visão profissionalizante), gerando o que os pesquisadores denominam de ‘dualidade histórica do ensino médio’. A LDB-1996 avançou na discussão dessa dualidade, colocando o ensino médio como a última etapa da educação básica, aproximando-o, com isso, de uma necessária política de articulação com outros níveis de ensino voltados a jovens e crianças de menor faixa etária. Contudo, há consideráveis dificuldades em fazer com que as escolas, na prática, incorporem o que propõe a LDB/1996 para o ensino médio (SILVA, 2008).

Não bastasse toda essa problemática relativa ao ensino médio, há as especificidades do período noturno. Para citarmos algumas, Togni e Carvalho (2007) apontam que, nesta realidade:

Os professores muitas vezes estão no terceiro turno de trabalho diário, quase todos os alunos têm jornadas de trabalho de oito ou mais horas diárias, não raro em atividades pesadas e difíceis, os conteúdos fogem da área de interesse dos alunos. (TOGNI & CARVALHO, 2007, p. 63).

Além disso, é preciso considerarmos as expectativas que os diferentes alunos apresentam referentemente ao seu futuro depois de concluírem o ensino médio. Segundo Sousa e Oliveira (2008), muitos alunos manifestam o desejo de continuar o estudo no ensino superior, enquanto outros pretendem continuar trabalhando ou iniciar uma atividade remunerada. Ainda segundo esses autores, “tais intenções, evidentemente, são colocadas em função das possibilidades de vida e de trabalho em que se encontram os alunos” (p. 56). Esses jovens, muitas vezes, recebem uma carga de responsabilidade por parte da escola por serem considerados adultos, já que a maioria exerce alguma atividade profissional. Com isso, esses estudantes sentem-se pressionados para que ajam de forma madura, muitos antes que haja espaço para que suas experiências enquanto adolescentes sejam vivenciadas de forma plena. Somado a isso, existe um comportamento de comparação entre os alunos: os do

período noturno parecem apresentar sentimentos de inferioridade em relação aos do diurno (não precisam trabalhar, são mais bem cuidados etc.), há a “a noção de que tudo conspira contra seus objetivos: escola pior; professor menos motivado; política pública equivocada ou ausente” (SOUSA & OLIVEIRA, 2008, p. 58). A diferença de visões do ensino médio entre os turnos, mesmo no que tange ao vestibular, fica evidente na pesquisa de Abramovay e Castro (2003): “observa-se que os estudantes do período diurno citam mais frequentemente o preparar-se para o curso superior como uma das principais finalidades do ensino médio” (p.167).

Dessa forma, parece-nos mais evidente que a discussão do vestibular deveria adquirir características diferentes para as terceiras séries do ensino médio noturno em se comparando com outras realidades como, por exemplo, a dos estudantes das escolas privadas mais elitizadas, já estudadas em outros trabalhos (ABRAMOVAY & CASTRO, 2003). Para buscarmos indícios de como isso ocorre, neste trabalho, procuramos responder à seguinte pergunta: “como o assunto vestibular aparece nas aulas de física da terceira série do ensino médio noturno?”

Como pesquisamos

Começamos fazendo uma pesquisa bibliográfica a respeito da história do ensino médio e de sua finalidade, consultando alguns autores clássicos sobre o tema (citados na introdução deste artigo), seguido da busca por trabalhos sobre o ensino noturno. Em seguida, pesquisamos como ou se o assunto “ensino noturno” aparece na área de ensino de ciências. Para tanto, fizemos uma pesquisa nos seguintes periódicos nas edições dos últimos dez anos: Revista Brasileira de Ensino de Física, Ciências & Educação, Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, Revista de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Revista Iberoamericana de Educação, dentre outros, seguida de pesquisas em anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências (ENPEC), em sítios como o Brasil Escola e Carta Educação e no banco de teses e dissertações da CAPES e SCIELO.

Após a pesquisa bibliográfica, começamos a elaborar como faríamos a parte empírica da pesquisa. Para tanto, adotamos as orientações inerentes à pesquisa no contexto escolar propostas por autores (ANDRÉ, 2006) que discutem o cotidiano escolar como marco teórico¹. Escolhemos implementar a pesquisa em uma escola pública estadual que oferecia o ensino médio no período noturno, na região central do município de Diadema-SP, na qual um dos autores desse artigo fazia seu estágio supervisionado como parte do curso de licenciatura em ciências-física no ano de 2018. Depois de escolhida a escola, definimos três maneiras de verificar como a questão do vestibular aparecia no cotidiano de aulas de física de uma turma da terceira série do ensino médio noturno dessa escola: 1. por meio da observação das aulas de física que estava em andamento no estágio supervisionado realizado por um dos autores deste trabalho, incluindo a análise do plano de ensino do professor; 2. por meio de questionários com questões abertas (ver anexo 1) aplicados para alguns alunos escolhidos ao longo da observação e; 3. por meio de um questionário com questões abertas (ver anexo 2)

¹De acordo com André (2006, p.15) acerca das pesquisas sobre cotidiano escolar: “Por meio de técnicas etnográficas de observação participante, de entrevistas intensivas e de um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, torna-se possível reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. A autora elenca alguns instrumentos de pesquisa que podem atingir essa finalidade, com destaque para a observação, os registros do pesquisador e entrevistas com membros daquele cotidiano.

aplicado ao professor de física daqueles alunos. Para registro da observação das aulas, usamos as anotações produzidas no estágio supervisionado, as quais se apoiaram nas relações estabelecidas no ambiente escolar, sobretudo na observação direta das situações de ensino-aprendizagem e em seu registro, conforme citado por Marli André (2009).

Após validarmos os questionários aplicando-os em outros contextos, submetemos o projeto para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (CEP - UNIFESP) e aguardamos a sua aprovação. Começamos a implementação da parte empírica assim que ela foi aprovada neste comitê. Para a aplicação dos questionários, foram escolhidos cinco alunos que se voluntariaram para responder o questionário, os quais tinham 18 anos de idade, sendo quatro meninos e uma menina (para fins de preservação, utilizaremos nomes fictícios para eles: Vinícius, Laura, Gustavo, Leandro e Vagner). O professor de física, de nome fictício William, tinha 56 anos de idade e ao menos 20 anos de profissão. Formado em física numa universidade pública, o professor possuía uma carga horária extensa naquela escola, na qual era responsável por todas as aulas de física. A aplicação do questionário com ele foi realizada em um momento diferente dos alunos, em um dia com um maior tempo disponível. Além do questionário, o professor fez questão de continuar a falar sobre o assunto, conversa que também registramos nas observações das aulas. Por fim, fizemos a análise de todos os dados, conforme apresentamos a seguir.

Alguns resultados

Fizemos uma busca nos anais das últimas cinco edições do ENPEC com as palavras chaves “ensino médio” + “noturno”, sem que conseguíssemos nenhum resultado específico sobre o tema, embora tenhamos encontrado trabalhos mencionando a noite para o ensino da astronomia. Na consulta aos periódicos, não encontramos nenhum trabalho no *Ciência & Educação* e na *Revista Brasileira de Pesquisa em Ensino de Ciências*. Na consulta feita ao *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, há dois trabalhos que discutem o ensino noturno, mas para a realidade de licenciaturas (ensino superior, portanto). No catálogo de teses e dissertações da Capes, pesquisamos as palavras-chaves “ensino médio + ensino de ciências + “noturno” e marcamos a área de ensino de ciências e matemática como concentração, obtendo 156 trabalhos. Lendo o título e os resumos, nenhum deles apresentava a questão do período noturno como um problema de fato, sendo muito mais um lócus de aplicação de determinadas pesquisas. Felizmente, o tema é discutido nas pesquisas sobre juventude e trabalho, havendo diversos títulos com essa finalidade (PERONI, 2017).

Com as observações das aulas, observamos um número considerável de alunos usando alguma peça de roupa social, que assinalava o fato de virem de ambientes de trabalho – algo que comprovamos em conversas com os mesmos. Além disso, registramos que o momento de estar na escola era tratado por alguns como uma “descompressão” de um dia cansativo de trabalho (conforme palavras deles), ou seja, como um momento de ouvir música ou de conversar com um colega, ou “momentos de internalização” (“ficar consigo mesmo”) ou simplesmente de “descanso mental” (nas palavras deles). Não parecia haver um espaço para a discussão do vestibular ou do mundo pós-escola naquele ambiente, inclusive nas aulas de física.

Observamos nas respostas dos questionários que predominou uma visão propedêutica a respeito da finalidade do ensino médio, ainda que tenha havido uma fala dissonante de um respondente do questionário. Os estudantes responderam afirmativamente quando

perguntados se a escola tinha a finalidade de preparar os alunos para o vestibular: “*Sim, pois a escola é o único ambiente de educação que a maioria tem acesso*”. Por outro lado, Laura se posicionou de uma maneira diferente quando perguntada se o ensino médio deveria preparar para o vestibular: “*Em partes, pois o foco da escola não tem que ser voltado para isso, porém os conteúdos poderiam estar relacionados de maneiras mais aprofundada para ajudar um aluno de escola pública a ter uma condição melhor no vestibular*”. Além disso, em se tratando da função do professor e se ele deve preparar os alunos para o ensino médio, Laura se manifestou contrariamente à ideia exclusivamente propedêutica que pareceu-nos mais forte nas repostas obtidas: “*Não, de forma que a escola não tem que ser um ambiente voltado para o vestibular, o professor também não deve ser um escravo de conteúdo de vestibular. A vida é mais do que uma prova, na escola, apesar de todos os problemas, lidamos com coisas que se passarão na vida.*”.

Quando perguntados sobre os motivos para estarem no período noturno, apareceram razões de natureza imediata relacionadas à situação econômica do estudante. Vinícius respondeu: “*o meu motivo foi porque eu trabalho e pra mim [sic] não perder um ano da minha escola, eu resolvi estudar no período noturno*”, ou seja, os alunos buscavam sanar necessidades como exigências imediatas do mercado de trabalho, sem necessariamente quererem estar cursando aquele período. Vagner, por exemplo, escreveu: “*Eu comecei a estudar a noite pois trabalhava durante os outros períodos.*”. Essa questão, entre outras, evidencia a importância de se promover um ensino público noturno que considere as especificidades desse público que o frequenta, ou mais do que isso, propor condições para que esses jovens tenham a oportunidade de cursar um ensino de melhor qualidade no período diurno, sem que precisem trabalhar.

Analisando as respostas do professor, observamos indícios da presença da dualidade do ensino médio. Acerca do ensino noturno, o professor escreveu que [...] *deveria ser direcionado ao aluno trabalhador*”. Entretanto, o professor também afirmou que a principal finalidade do ensino médio deveria ser a de “*Preparar para cursos superiores*”. Quando questionado se a escola oferecia condições para que o estudante se sentisse preparado para o mundo pós-escola, o professor respondeu positivamente, “*mas apenas para os alunos considerados esforçados*”.

Em relação ao vestibular, de uma maneira geral, vimos que o assunto apareceu apenas quando instigados por nós nos questionários. Em nossa análise das respostas, constatamos uma enorme dificuldade daqueles estudantes em escrever sobre o tema com clareza, havendo um claro desconforto em todos os respondentes do questionário. Gustavo deixou bem claro essa ideia quando indagado se pensava no vestibular: “*Sim, mas não sempre, pois este é um assunto que causa muito desconforto*”. Assim, parece existir a pressão do vestibular sobre o estudante do noturno. Entretanto, aparentemente, os estudantes pareciam preferir não pensar sobre o assunto, muito provavelmente por conta do quanto o mesmo os incomoda (Vinícius citou que só pensa no assunto quando a sua mãe lhe pergunta: “*Não, só quando minha mãe pergunta sobre*”).

Quando foi perguntado, no questionário, sobre como o assunto vestibular era tratado nas reuniões de pais, o professor escreveu: “*Raramente os pais comentam sobre isso, mas quando comentam, perguntam se os filhos estão sendo preparados para o ENEM*”. Contudo, quando perguntado sobre se as suas aulas contribuem para a preparação para o vestibular, ele respondeu que “*Física só tem este objetivo, porém, o corpo discente não se interessa*”. Parece haver, nessas respostas do professor e em outras dos estudantes, uma certa atribuição de responsabilidade individual garantida pelo esforço individual do estudante, ignorando a

desigualdade entre todos que o enfrentam e a responsabilidade social e coletiva de todo o sistema educacional envolvido na trajetória de cada educando até o momento do vestibular.

Considerações finais

A partir das discussões realizadas para a produção do presente trabalho e da análise dos resultados, podemos observar que a área de ensino de ciências não têm se debruçado sobre as especificidades do período noturno. Ao professor, com poucas aulas de física e com uma carga horária muito extensa ao fim do dia, o tema vestibular não pareceu ter espaço na discussão com os estudantes daquele turno. Não foi notado um planejamento organizado e efetivo para atender às especificidades do estudante trabalhador e frequentador daquele período por parte da equipe escolar. Para os estudantes, apareceu um desconforto quando o assunto vestibular foi mencionado e nem de longe se configurou como algo central nesta etapa da sua vida (ao contrário do que ocorreria, por exemplo, entre os estudantes de mesma faixa etária nas classes médias). Há, inclusive, indícios de atribuição de responsabilidade de desempenho aos estudantes individualmente, sem que haja quaisquer discussões das desigualdades inerentes ao processo do vestibular e às realidades do ensino noturno. Especificamente sobre o ensino médio, apareceu ainda uma visão propedêutica, ainda que mesclada com elementos da sempre propagada dualidade do ensino médio. Esse conjunto de apontamentos, portanto, vão contrariamente à concepção de educação igualitária e transformadora que defendemos no início desse artigo. Esperamos que outros trabalhos se juntem a nós nesta tarefa.

Referências

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Ministério da Educação/Unesco, Brasília: SEMTEC, MEC. 2003, 662p.
- ANDRÉ, M. O cotidiano escolar, um campo de estudo. In: PLACO, V.; ALMEIDA, L. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loiola, 2006 (9-20p.)
- ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisas sobre a escola e pesquisas no cotidiano da escola. **EccoS revista científica**, julho, ano/vol. 10, número Especial Centro Universitário Nove de Julho. São Paulo, Brasil. 2009. p. 133-145.
- BEISIEGEL, C. R. **A qualidade do ensino na escola pública**. Brasília: Liber Livro, 2006.168p.
- CORTI, A. P. **À deriva. Um estudo sobre a expansão do ensino médio no estado de São Paulo (1991-2003)**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, 300p. Disponível em <
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07122015-101630/pt-br.php> >. Acesso em: 20 ago. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 96p.
- KUENZER, A. Z. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto da acumulação flexível. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 38, 2017, p. 331-354.

MENEZES, L.C. O novo público e a nova natureza do ensino médio. In: **Revista de Estudos Avançados da USP: Dossiê Educação**. No. 42. IEA: São Paulo, 2001.201-208p.

PERONI, V. M. V.; FARENZENA, N.; FRANZOI, N. L. Ensino Médio Noturno: Estudo Comparativo em Escolas Públicas do Rio Grande do Sul. **Políticas Educativas**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 20-44, out. 2007. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/18247>> Acesso em: 20 ago. 2020.

SILVA, J.A. **Compromisso e paixão: o universal e o singular na boa escola pública**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008, 324p.

SOUSA, S.; OLIVEIRA, R. P. Ensino Médio noturno: democratização e diversidade. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 31, 2008, p. 53-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018

TOGNI, A.C.; CARVALHO, M.J.S. A escola noturna de ensino médio no Brasil. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 44, 2007, p. 61-76.

Anexo 1 – Exemplos de perguntas feitas no questionário dos estudantes

1. Quais os motivos que te trouxe para o ensino noturno?
3. Valeu a pena ter cursado o ensino médio noturno?
4. Qual é o seu projeto de vida?
5. A escola te dá condições de alcançar o seu projeto de vida?
6. As suas aulas de física contribuem para o seu projeto de vida?
7. Em sua opinião, o vestibular é justo?
8. Você planeja prestar algum vestibular para cursar a faculdade?
9. Você acredita que a escola tem a obrigação de preparar os alunos para os vestibulares?
11. Na sua vida fora da escola, você costuma conversar sobre esse tema com alguém?

Anexo 2: Exemplos de perguntas colocadas no questionário do professor.

1. Em sua opinião qual deve ser a principal finalidade do ensino médio?
2. Em sua opinião a escola consegue dar conta desses objetivos?
3. Em sua opinião, existem questões do ensino médio noturno que devem ser levadas em conta na sua aula?
5. Em qual momento aparecem as questões que envolvem o vestibular na sua rotina?
7. De que maneira aparecem as discussões sobre o vestibular nas reuniões de pais?
9. De que maneira aparecem as discussões sobre o vestibular nas reuniões pedagógicas e planejamentos?

10. Você acha importante os alunos serem preparados para o vestibular na escola?